
A LÍBIDO FEMININA EM “AS VELHAS”, DE LOURDES RAMALHO.

Maria do Socorro Araújo de Arruda – UEPB
corrinhaalf@yahoo.com.br
Glória Maria Leitão de Souza Melo – UEPB
profmgls@hotmail.com

1 – O EROTISMO E A FERTILIDADE DA GRANDE DEUSA

O culto à terra marca profundamente as primeiras práticas mágico-religiosa do homem. No entendimento que era desta que surgia os frutos e todos os seres vivos só vinham a comprovar sua manifestação de força, pois, era de suas profundezas que surgiam árvores, montanhas, rios e mares. Era no seu colo que viviam animais e todo movimento gerador de condição existencial da vida. A terra era, pois, considerada a deusa da fertilidade que possuía semelhanças com o ventre da mulher. A terra também era tida como ventre da morte, sendo a terra o ventre que acolhe, renova e produz uma nova vida. Neste sentido, o significado da morte se metaforiza em possibilidade de algo bom e vida renovada.

Estando a terra na origem e no fim da vida, seria, portanto, responsável por toda vida pré-natal e funcionando como ventre materno, de onde saíam os homens e para onde estes retornariam na morte, assim como, exercendo a função de um berço ctônico. Nesta simbologia, a feminilidade da terra é confirmada e esta passa a ser representada por elementos femininos como: cálice, ventre morada, casa, caverna, gruta, cavidade, seio da terra, entre outros. Durand (2002) exemplifica essa simbologia quando compara a caverna “obscura e úmida” ao mundo “intra-uterino”.

Nesse período, não foi difícil estabelecer a analogia entre a terra e a mulher. Ambas foram vistas como um ventre capaz de gerar a vida. Tal concepção marcou a religião primitiva: a terra torna-se, a Mãe, a *Grande Deusa Mãe*. Nesse período o atributo da maternidade foi atribuído puramente à mulher. Posteriormente, com a evolução do reconhecimento da função masculina na fecundação, originam-se as diferenças entre os sexos e o aprisionamento e confirmação da mulher enquanto exclusivamente doadora da vida e ser impossibilitado de merecer a vivência da sexualidade. Essa visão foi difundida e passou a permeiar o pensamento histórico e cultural nas sociedades contemporâneas.

Da analogia entre seio da terra e ventre feminino, ou de outra maneira, entre terra e mulher, dá-se por continuidade, o culto à Grande Mãe que ora representa a criação e a unidade da vida; portanto, existe em todo o universo e esta representada nas diferentes etapas do ciclo vital, do nascimento à morte. “Em todas as épocas, portanto, e em todas as culturas os homens imaginam uma Grande Mãe, uma mulher materna para qual regressam os desejos da humanidade. A Grande mãe é seguramente a entidade religiosa e psicológica mais universal” (BARROS, 2001, p. 235).

Nas Estruturas Antropológicas do Imaginário, Gilbert Durand (2002) confirma em Regime Noturno da Imagem que, a representação da mulher associada ao mal se eufemiza e a mulher é valorizada positivamente, tornando-se o arquétipo da Grande Mãe, para o qual se dirigem os desejos da humanidade. Portanto, os atributos a mulher como conotação positiva e desde sempre ligados aos atributos da Grande Deusa, que segundo Barros (2001), apareciam sempre como divindade, sendo a primeira religião a da Mãe. Primeira divindade conhecida, a mais antiga, universal, que reinou imperante por séculos. Assim sendo, é mister confirmar que:

Durante milênios, a principal preocupação do homem foi se prostrar diante da mulher como a doadora da vida. Não faltam estatuetas e pinturas em cavernas, reproduzindo mulheres em posição de parto ou exibindo o ventre grávido e os seios pesados” [...] “A mulher era vista como um ser mágico, em relação com as divindades, um ser indispensável à sobrevivência da espécie, um bem precioso”. A função feminina era soberana e rendia-se á mulher um culto extremado (BARROS, 2001, p.12 e 13).

O culto e adoração ao feminino está reforçado pelo crédito da absoluta participação da mulher na reprodução. Este caráter cultuado de forma incondicional passa a ser modificado quando o macho descobre seu poder na procriação, quando observa que a partir da domesticação de animais,

As fêmeas eram incapazes de procriar sozinhas, enquanto que ao lado dos machos o feminino sempre ocorria. Se a fêmeo animal não gera sozinha, ela, assim como a fêmea humana e a terra, funcionava como receptáculo de grão que nela era introduzida (Barros, 2001, p.25).

Nesse contexto surge a organização das tribos, das comunidades, das famílias, pois até então o homem era nômade. De certa maneira começaria o homem a ganhar espaço, mas o culto a Deusa Mãe continuaria inabalável. O homem venerou a mulher como sendo

única, sublime, soberana. O reinado da Deusa/Mulher começaria a ruir quando o homem percebe a sua contribuição no ato da procriação, pois até o momento ele considerava um mistério a geração da vida, da gestação e do nascimento.

2 – A INVERSÃO DOS VALORES SAGRADOS FEMININOS NA PROCRIAÇÃO

Verifica-se, a partir da descoberta do homem como pare contrária importante e imprescindível na reprodução, uma mudança de atitude que culminaria com a estréia da existência do patriarcado e na real possibilidade de retirada da coroa do ser mágico da mulher. Esta passa de ser divino, a ser subjogado as trevas. Vem ser confirmada assim, a diminuição do encanto e temor do homem pelo ser encantador e detentor uno de função reprodutora.

Na crença do princípio feminino como sendo matéria e espírito, alma e razão, que fecunda e assegura a ordem e o equilíbrio faz deste ser, um grande mistério e ao mesmo tempo, que causa ao macho, encanto e medo. Desta forma, a mulher reinou poderosa em seus dois aspectos contrários: como doadora da vida e da morte, responsável pelo bem e pelo mal, despertando fascínio e temor, admiração e inveja. Apesar de sempre única, foi adorada e cultuada em seus opostos, o que desde então, apontava para a mulher, um princípio demoníaco, que, nos tempos da religião da Mãe, predominava. Este demoníaco feminino diz respeito ao poder da mulher enquanto ser inacessível, inviolável e inesgotável. A este ser cabia o poder absorver a virilidade masculina, seduzindo-o e o impulsionado a agir paralisado diante dos seus contrários, do fascínio e medo emanados da feminilidade.

Da ambigüidade exclusiva do sexo feminino, o homem mantinha a certeza da presença viva e única neste sexo da pureza demetriana e, ao mesmo tempo, da arrebatadora face afrodisíaca. Num intuito de desmistificar esses atributos e restringir a mulher sob um só aspecto, um só semblante, ao um reduzir o feminino ao uno poder, sendo este meramente a procriação, o homem não mede esforços para desprezá-la, desvalorizá-la, conctando-a somente com o lado sombrio e maléfico, com sua impossibilidade de brilho próprio e de friidez, associando sua luz ao oposto poder de iluminação do sol e, portanto, ligada à noite, às trevas, à escuridão, ao mundo subterrâneo e infernal. Confirmando o que aponta Durand (2002), no Regime Diurno da Imagem, sendo o conceito e representação da mulher agregados ao mal, a morte, à qual se prende por uma constelação nefasta, cujo ponto de partida é, sem

dúvida, a água associada ao elemento líquido da menstruação. Sendo o sangue menstrual o arquétipo nefasto.

Esta prática vem a reforçar o conflito em que se encontrava o homem evidenciava uma necessidade de dominação, de imposição de suas idéias e poder, de suas forças e de suas leis. Esta necessidade foi confirmada como a sua participação na procriação e vem a ser reforçada quando passa a adotar atributos maléficis a mulher e por extensão é claro, a um ser desprovido de sexualidade donde a Religião do Pai e do Filho sobre a religião da Mãe vem se sobrepor. Era, pois, a partir da criação da mulher inferiorizada e culpada do mal, que a se reverencia a Religião masculina. O culto da Deusa foi substituído pelo culto de Deus único masculino, tornando a mulher submissa à ordem patriarcal e culpada por crimes morais nunca havidos. A mulher passa a ser qualificada pela cultura religiosa e pela igreja de sedutora, tentadora e sinônima de perdição do homem o que prenuncia a morte da religião Mãe dando a imagem demoníaca as mulheres. Ergue-se a Igreja masculina contaminada pelo horror da sexualidade e do corpo e se passa a contrapor alma a espírito contaminados por desejos carnis e maléficis. Torna-se necessário extinguir o pecado e a culpa feminina estabelecendo um equilíbrio entre a existência de um ser sem ambigüidades, dotada apenas de castidade e puras mães caridosas cúmplice com a natureza no processo de conceber, gestar e parir.

O sexo como necessidade primaria, como mecanismo normal na hierarquia das necessidades humanas, é assimilado em sentido pejorativo e pecaminoso que impedia a perfeição espiritual e que poderia acabar transformando a vida num eterno tormento. Daí porque a Igreja proibia a sexualidade total e tolhia com severidade seus impulsos cuja protagonista direta é e será sem dúvida a mulher. A Igreja buscou minimizar o poder feminino a cultivar medo da mulher e promover o celibato como forma mais elevada de combater o pecado que proferiu a humanidade, pois:

Os homens projetaram nas mulheres o que não podiam ou não queriam identificar em si próprios, carregaram-nas com suas culpas e pecados, seus desejos libidinosos, os que classificavam como aceitáveis e normais e os que viam como perversos e animalescos. Transformaram-nas em bodes expiatórios, depositárias de toda a sujeira da humanidade e do mundo, afastaram-nas do convívio social, queimaram-nas como vítimas sacrificadas de seus medos, para purificar as próprias almas, as mãos, os corpos, os sexos...(BARROS, 2001,p.351).

Desta feita, a mulher ve-se amputada de seu lado benéfico de ligação ao sagrado e à vida. Sua imagem é denegrada e passa a ter significado apenas com a procriação, confirmando o cristianismo católico como sendo o que mais reprimiu o Culto à Mãe, a imagem da mulher como detentora da vida, do sentimento, do prazer e o definitivo estabelecimento de uma religião masculina, ratificando o medo que a mulher residia sobre o homem, sobre a religião e difundindo a sexualidade feminina como o demoníaco e entrada de toda espécie de desgraça e destruição do homem.

Procurando entender a idéia decorrente destas questões faz-se necessário confrontar conceitos e preconceitos secularmente estabelecidos sobre a sexualidade feminina quando na tentativa de ter acesso ao prazer, compreendido, assim, a libido feminina como perversão, algo condenável e pecaminoso na contemporaneidade, apesar da liberação sexual. Partindo deste exposto, podemos aqui ilustrar a partir de Richards (1993, p.39), o caso específico da mulher na regularidade da atividade sexual dentro do casamento:” Proibido em todos os dias de festas religiosas e jejum [...], aos domingos e nos períodos impura (durante a menstruação, durante a gravidez, durante o aleitamento e por quarenta dias após o parto)”.

Por razões culturais o sexo, e em destaque para a mulher até a algum tempo visto como algo ligado à reprodução, o prazer era reprimido, por ser considerado pecaminoso ou moralmente condenável. O que afirma a marginalidade sexual feminina com suas raízes firmadas na história. Somos educadas por mulheres, orientadas para agirem como filhas e mães sem passar pelo estágio de mulher. E Schott (1996, p.38 e 39), traz a discussão que confirma a interpretação das mulheres como exemplificadoras de propriedades nocivas à existência física e ao controle racional, quando diz que para os povos gregos: “Não é a sexualidade em geral, mas a sexualidade das mulheres em particular que é temida e deve ser controlada”. Ser escravo do prazer é conduta de uma mulher licenciosa, não de um homem.

O entendimento do sexo como limitação para reprodução cede lugar à grandiosidade de ver o sexo como prazer que extrapola os aspectos orgânicos e se entranha, na concretude da sexualidade para ambos os sexos. Dentro da trajetória da necessidade, vivência e valorização do sexo e sua intrínseca relação com a cultura, fica a polêmica acerca do papel da mulher dentro de uma cultura dominada pelas regras repressivas do patriarcado o qual como já vimos, tem início quando os machos descobrem qual o seu papel no ciclo produtivo, e usando da força física, começam a controlar a sexualidade feminina.

A sexualidade, segundo os ensinamentos Cristãos, era dada às pessoas exclusivamente para os objetivos de reprodução e por nenhum outro motivo [...] Os pensadores cristão encaravam o sexo, na melhor das hipóteses, como uma espécie de mal necessário, lamentavelmente indispensável para a reprodução humana, mas que perturbava a verdadeira vocação de uma pessoa – a busca da perfeição espiritual, que é, por definição, não sexual e transcende a carne (RICHARDS, 1993, p.34).

Diante desta representação cultural secularmente estabelecido da mulher, fica explícita a potência social e cultural do patriarcado em uma das suas engrenagens internas mais caras, quiçá a mais estrutural, é de que a mulher é menor enquanto ser, e por isto mesmo doravante tributária do homem. Confirmando validade, poder e prestígio na ambiência da libido e do prazer para os homens. Sendo orgia, sexo e prazer comportamentos destinados aos homens. A mulher que evidenciar tais comportamentos em busca do prazer é tida primeiramente pela ordem social-religiosa como impura ou demoníaca e em seguida pelo homem por meio da categórica e exemplar obediência sexual-familiar. Únicos espaços para atuação da mulher onde, de um lado, servia de materialidade sexual ao homem. E de outro, coordenar a dinâmica interna da familiar, controle da prole e tecnicidade na culinária.

Tal condenação torna-se hiper-valorizada quando a mulher se lança em busca do prazer no uso incondicional de sua libido:

Poder-se-ia perfeitamente argumentar que, tendo em conta todas estas referências ao perigo representado pela mulher tentadora, tudo isso se enquadrava perfeitamente no seio de uma concepção cultural na qual a mulher assumia um papel secundário, subordinado ao do homem, e na qual as relações sexuais eram sempre consideradas causas de impureza física e espiritual no homem, ainda que com a sua esposa legítima (PILOSU, 1995, p.31).

3– A CONDENAÇÃO DA LIBIDO FEMININA EM “AS VELHAS”

Na atualidade, porém, a mulher tem construído uma representação mais sintonizada com as mobilizações sociais da contemporaneidade. Iniciado pela luta emancipatória ainda no século XIX, como também por todo o doloroso percurso da ascensão social da mulher já no século XX, ilustrado com inúmeros exemplos na literatura feminista. Assim sendo, mesmo visto como fenômeno antigo a questão do prazer sexual feminino ainda o grande tema problema representado na literatura contemporânea de um lado, a premência da libido e de outro a tensão repercutida na cultura desta liberação, tendo como consequência mais imediata a identificação da mulher como impura demoníaca e, por conseguinte como veículo de danação. A obra “As Velhas“ a lista das obras que vieram sobre esse tema, amplia,

conotando e denotando do universo ficcional, o mesmo comportamento, atitudes e posicionamentos para as personagens femininas no desejo de acionar a libido como uma reivindicação da própria condição existencial ante o mundo que se lhe apresenta. Numa tentativa feroz de conciliar, mesmo contra os atributos e editos da sociedade, a libido desejada, e suas opções de realizações ofertadas pelo mundo social em que vivem.

A representação dramática da libido feminina na peça de Lourdes Ramalho situa-se dentro de um complexo universo cultural falocêntrico opressivo e reivindicatório que obriga as personagens femininas a agirem de forma inusitado em busca do direito ao prazer ato violentado pelas dos padrões sociais de base patriarcais. Mais do que movidos de uma implícita reação daquilo que lhes tolhe a sexualidade, a libido e o prazer, o comportamento das mulheres-rivais *Mariana* e *Ludovina*, e da “mulher-destino” *Branca* em *As Velhas*, em última instância ações de mulheres que buscam a promoção e o direito ao prazer do corpo.

São ainda vozes femininas que ousam mostrar os desejos da mulher, a carência sexual, o furtivo movimento da libido em busca de prazer, que apesar de algumas variações que desembocam para o prazer entre mulheres, todo despertar da libido é ainda através de seu par masculino.

Assim é que a obra *As Velhas* declina para o conflito principal entre *Mariana* e sua busca por encontrar seu marido acabam por levá-la ao encontro trágico com *Ludovina*, é ao mesmo tempo permeado pelo desenvolvimento da ação entre *Branca* e *José*. Ou seja, há aqui a construção, em paralelo ao conflito dramático de *Mariana*, um percurso trágico para a sua filha.

A peça apresenta *Mariana* jovem abandonada pelo marido o que foi levado pelo encanto de uma cigana. A partir daí, esta inicia uma perseguição à inimiga e passa de sua condição de mulher a unicamente mãe dedicada aos filhos. Mulher que se volta para terra, para os vínculos de sangue, para a proeminência do matriarcado, mulher sem homem, sem laços afetivos advindos do sexo oposto que persegue a honra e a sobrevivência da família. Desta feita, não atentando mais para sua sexualidade conforme podemos comprovar na citação seguinte:

Mariana – Que vida tenho levado! – Isso é baião pra doido. – Queria ver se com Tonho a gente tinha desandado a esse ponto. Tinha nada! – Tonho era aquela moleza, aquela queda pelas feme, mas era homem – e homem de todo jeito é respeitado. Se num fosse aquela cadela prenha ter se atravessado na vida da gente... Tirou o pai de meus filhos, o sossego da família... Foi que nem a outra disse

– ah, praga do seiscentos diabos -, fiquei sem meu Tonho e quem quiser que pense o que é uma mulher nova, forte, viçosa, caçar nos quatro canto da casa o seu homem e só achar a saudade dele... Dá vontade da gente desabar no meio do mundo e fazer tudo o que num presta...isso eu num fiz, sei mesmo que num fiz pela obrigação dos filhos, mas ele merecia. – Tem nada não, tudo vem a seu tempo (p.58)

As duas ações dramáticas em paralelos cujas engrenagens fazem de um lado as duas rivais se superarem (ao encontro dos filhos), e de outro incidir uma violenta realidade à Branca, formam uma malha narrativa única e complementar. Branca, vendo a ligação e dedicação da mãe com os entes familiares e, percebendo a sua negação de ser mulher, não deseja para si este fadário. Em suas falas, a personagem deixa claro a aspiração de viver com uso do corpo, do prazer, da feminilidade em sua plena existência, mas que no seu entender a concretude de tal prazer só lhes é dado a partir do convívio com um homem. Na tessitura de que a mulher precisa autorizar com a sua dor como pagamento ao prazer desejado e/ ou vivido com o homem. Branca busca este prazer, este homem como condição existencial de ser mulher:

Branca – Desse jeito – já sei que nunca vou casar.

Mariana – E num perde nada. Você pensa que vida de casada é essas coisas?

- Pois olhe aqui – casamento e merda é uma coisa só.

Branca – Mas eu num nasci pro caritó

Mariana – Caritó é pra quem casa, menina.

Branca – Queria ter o que fosse meu – casa, marido... Num queria ser mandada, como escrava

Mariana – Ô engano da molesta. – È sair dum dono pro outro. Mulher nasceu pra ser sujeita mesmo.

Branca – Mas a gente tendo marido, mesmo sujeita a ele, tem direito a outra coisa – coisa que a mulher solteira num pode, a senhora sabe...

Mariana – Ah, meu Deus, agora eu tou entendendo... Menina, você pensa num Negócio feio desse? Quem botou isso na sua cabeça?

Branca – Ninguém... a gente vê os bicho ...

Mariana – Pois se você ta num quente e dois fervendo - procura-se um homem de idade, ajuizado, um homem que lhe garanta o sustento...e que os anjos diga amém... (p.73-74).

A cada trajetória de fuga ou de busca Mariana se aproxima do encontro fatídico que conflituosamente odeia e deseja: encontrar seu homem, e ao mesmo tempo vingar-se da mulher que lhe roubou o marido. Ela não sabe por onde ir, não sabe o que está para lhe acontecer, mas resolve viver na erraticidade, fugindo e buscando um alento para seu seco coração. Portanto, o fincar-se no lugar de mãe, doadora e protetora da vida dos filhos, não lhes preencheu a vida. Mariana é um jorro de secura de desespero - ânsia-, o que ela deseja de ser mulher amada, desejada e realizada, lamenta:

Branca – *É por isso que a senhora é tão seca, tão dura, tão amarga, mãe.
A senhora é um espinheiro.*

Mariana – *Eu sei...Sou como as plantas da terra – o cordeiro, o xiquexique
...Elas é Assim pra resistir á secura do sertão.Como podiam ser macia , delicada,
se tem de viver num chão esturricado,sem água que amoloça o barro donde tiram
seu sustento?- Mesmo assim sou eu – enfrento a secura de meus dias, sem o
refrigério de palavra amiga,sem ajuda de um ombro ou mão que sustente nas
fraquezas, que me acaricie a cabeça cansada de pensar, de padecer as agonias de ta
só, de viver só o resto de meus dias....(p.76)*

É deste modo que o destino de mulher largada se tece e adquire novas linhas na existência de Branca que, conscientemente, deseja sair daquela situação de fugitivos, de errantes, deseja casar. É por intermédio da mãe que Branca tem fiado seu destino. Mas ela o corta, decide viver outra vida. Desafia o destino traçado pelo percurso da mãe e lança-se na busca do amor.

Branca - *(Só).Acabou-se, acabou-se tudo, eu sei...Por que os homens só pensa em lutar pra derrubar uns aos outros? – Diz que o homem é que constrói o Mundo – constrói e destrói também, nessa sede de botar pra baixo, de descontar, de ser o salvador, o herói...E lá se vão eles, e muitos nem volta;vai-se O marido vai-se o pai, vai-se o filho... Fica as mulheres, na espera...heróis...heróis,que nem sempre se importam com as mães que chora,com as noivas que suspira,com os filho que pode ficar na orfanidade...(Levanta a cabeça.) - Agora, Dona Branca, é mostrar que é bem filha de Mariana, é levantar a cabeça e receber nos peitos toda a desgraça que possa acontecer...É criar coragem e enfrentar tudo – a compaixão ou o abandono;a benção ou a maldição – mas lutar,lutar como sua mãe, deixada pelo marido e com você bulindo nas entranhas...(chorando.) – Coragem, Branca, defenda o seu menino, contra tudo que possa acontecer...coragem,coragem...(Sai soluçando).(p.85)*

Com Mariana, o movimento do amor e do sexo desfalece do passado para o presente enquanto em Branca é do presente para o futuro. Percebemos, pois como a peça condensa elementos de contenção e negação da sexualidade feminina por meio de operações que instalam barreiras ao passo que promovem a supremacia de uma concepção patriarcal também assolam e sobrepujam a realização e ativação da sexualidade da mulher, tendo como principal ferramenta, a negação de sua libido, seja quanto ao desejo sexual propriamente dito, seja pela via do sentimento, apego e amor.

A ambiência composta na obra “As Velhas” apresenta um sistema cultural ainda onde todas estas dificuldades seculares que o feminino encontrou, sobrevive em ásperas resistências sócio-culturais e enquanto a religião vem ser o guarda-costas do comportamento feminino, cujo ideal é o casamento. E para as exceções, o “natural” caminho é indicado pela

resistência ou não da moral. Daí as levas de prostitutas, beatas, viúvas, tias, caritós, moça-velha etc. Todas arranjadas no cadinho proposto pela ordenação da Igreja e das instituições político-sociais de base patriarcal.

Na trajetória histórica que perpassa as práticas mágico-religiosas do homem aos dias atuais no que toca à feminilidade, é imperativo perceber a ligação deste ser mulher e a sua intrínseca ligação aos padrões religiosos e culturais que determina portanto suas ações em busca do prazer. Sendo esta busca antes de mais anda, atreladas a certas leis e aos conflitos que seus conteúdos contrários impõe ao agir. Esse agir é constantemente compelido a recorrer à experiência, à prudência e ao julgamento moral instituído na consciência dos homens, na sociedade e nas instâncias que as fundamentam.

4 - REFERÊNCIAS

BARROS, Maria Nazareth Alvim de. **As deusas, as bruxas e a igreja. Séculos de perseguição.** Rio de Janeiro: Editora Rosa dos tempos, 2001.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERITAG, Bárbara. **Itinerários de Antígona – a questão da moralidade –** Campinas, São Paulo: Papyrus , 1992.

NOGUEIRA, F.Roberto Carlos. **O Diabo no imaginário cristão.** São Paulo: Ática,1986.

PILOSU, Mário. **A Mulher, a luxúria e a Igreja na idade média.** Trado. Maria Dolores Figueiredo. São Paulo: Editorial Estampa 1995.

RAMALHO Maria de Lourdes Nunes. **Teatro nordestino.** Campina Grande: GGS – grande Gráfica e Serviços,1980.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação. as minorias da idade média.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1993.

SCHOTT, Robim. **Eros e os processos cognitivos. uma crítica da objetividade filosófica.** Rio de janeiro: Tempos, 1996.